

**Universidade Estadual do Centro Oeste**  
**Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes/SEHLA**  
**PROGRAMA DE EDUCAÇÃO TUTORIAL – PET/LETRAS-UNICENTRO**

**RELATÓRIO PARCIAL DE PESQUISA/PET**

NOME: Micheli Rosa

ORIENTADORA: Claudia Maris Tullio

**TÍTULO: Os indígenas no período oitocentista: um estudo a partir da Análise Crítica**

**RESUMO:** O Brasil Oitocentista revela muitas questões sobre o indígena. No campo da Linguística, o presente estudo vinculado ao Programa de Educação Tutorial almeja compreender as concepções da sociedade acerca dos indígenas no século XIX. Como também as questões políticas impostas para estes sujeitos, territorialização. Para alcançar essa finalidade serão utilizados as correspondências e o Jornal Dezenove de Dezembro. E a teoria-metodologia que contribuirá para tal fim é Análise Crítica do Discurso de Fairclough (2001).

Palavras-chaves: Análise do Discurso; Indígenas; oitocentos

Introdução:

Os discursos passam por várias instâncias da estrutura social e, geralmente tem como finalidade argumentar e defender uma dada opinião. As pessoas interagem na sociedade por meio do discurso para influenciar determinados grupos. Para compreender o papel do discurso na interação social é necessário interligar a relação entre linguagem e sociedade. Então, a pesquisa situa-se no campo da Língua, especificamente na Análise do Discurso que permite perceber as questões políticas e sociais que moldaram a construção da imagem dos índios de modo que retiraram o papel deles enquanto sujeitos históricos.

As populações indígenas que pertencem a região que hoje é denominado Estado do Paraná são divididos em dois grupos: a família tupi-guarani e o segundo a família dos jês. Sobre esse assunto Wachowicz (2010, p.14) comenta que “os tupis predominavam no litoral e noroeste e oeste do Estado. Foram estes índios os primeiros a entrar em contato com os portugueses. Dos Jês, destacaram-se os caingangues e os xoklêngs (botocudos)”.

**Universidade Estadual do Centro Oeste**  
**Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes/SEHLA**  
**PROGRAMA DE EDUCAÇÃO TUTORIAL – PET/LETRAS-UNICENTRO**

Em 1810, temos o início da ocupação dos Campos de Guarapuava que tem como finalidade a ocupação do espaço e abertura de fazendas de criação. A ordem imperial em relação aos índios é que precisavam ser combatidos, catequizados e civilizados. Para tal fim tem-se a nomeação de um catequista, que foi Francisco das Chagas Lima. O padre chagas junto com o comandante Diogo Pinto de Azevedo Portugal iniciou a povoação que chamaram de Atalaia.

No primeiro momento nota-se um confronto entre a expedição e os índios e devido ao grande número de índios Diogo Pinto envia mais soldados sob o comando de Antônio Rocha Loures. Após três meses de luta os Kaingang foram derrotas.

Os indígenas sofreram derrotas, mas isso não significa que não resistiram e até que desapareceram da região paranaense. A partir desse contexto que o projeto de pesquisa vinculado ao Programa tutorial de educação pretende abarcar. O corpus que permitirá compreender os indígenas no período oitocentista está relacionado a dois documentos históricos: correspondências oficiais e o Jornal Dezenove de Dezembro no Arquivo Público do Estado do Paraná.

#### Resultados e discussões

O discurso da invisibilidade dos indígenas no século XIX é quebrado com os estudos interdisciplinares entre História e Antropologia. É importante reconhecer que os índios não deixaram de existir, mas que houve um processo histórico para homogeneizar as variedades étnicas em prol do nacionalismo. Assim como a História e a Antropologia, a pesquisa que se enquadra no campo da Linguística e busca colocar os índios no palco da história do Brasil trazendo-os como sujeitos atuantes, como aponta Almeida (2012, p.23),

Vivos e atuantes nos sertões, vilas, aldeias e cidades do Brasil oitocentista, povos e indivíduos indígenas agiam e reagiam diferentemente às múltiplas formas de aplicação da política para eles traçada. Lutavam e continuavam reivindicando direitos na justiça na condição de índios, enquanto discursos políticos e intelectuais previam e, em muitos casos, já os consideravam desaparecidos, como resultado dos processos de civilização e mestiçagem.

**Universidade Estadual do Centro Oeste**  
**Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes/SEHLA**  
**PROGRAMA DE EDUCAÇÃO TUTORIAL – PET/LETRAS-UNICENTRO**

Como podemos observar por meio do trecho a invisibilidade dos indígenas é decorrente de processos históricos. Apagados dos livros de história quando estudamos o período imperial, sendo meramente citados em notas de rodapé. A pesquisa pretende contribuir no sentido de que em todo o processo histórico do Brasil, os indígenas estavam presentes. No respectivo período, houve intenso debate de como resolver a questão 'indígena', então são sujeitos que estavam atuantes de diversas formas e que nem sempre compartilhavam dos ideais dos 'brancos' resistindo de diversas formas.

A análise de Discurso Crítica permite analisar esse contexto, pois possui um modelo teórico-metodológico que está estabelecida entre a Linguística e a Ciência Social Crítica, para Ramalho e Resende (2004, p.185-186) “as análises empíricas em ADC devem movimentar-se entre o lingüístico e o social, pois o discurso é compreendido como uma forma de prática social, modo de ação sobre o mundo e a sociedade”. Por meio dessa metodologia é possível analisar as relações entre o discurso e a prática social e com isso desnaturalizar conceitos que fortalecem as estruturas de dominação.

Essa análise Crítica do Discurso é um importante ponto para o desenvolvimento da pesquisa que está sendo proposta, pois, permite focar a gramática na arquitetura do texto, associando-a a um enfoque crítico de práticas lingüísticas que, em condições propícias, podem levar a mudanças discursivas e sociais. O propósito de unir a análise lingüística com a teoria social respalda-se, também aqui, no sentido sócio-histórico do discurso, conjugado com o sentido de interação, dimensões que fazem da língua um contrato social (BARROS, 2008, p. 201).

Então, o modelo tridimensional de ADC elaborado por Fairclough separa três dimensões no discurso, quais são: texto, prática discursiva e prática social. Essas esferas que o Fairclough propõe envolvem “um escopo teórico voltado para o lado social da linguagem, com todas as implicações políticas que podem fazer da língua uma bandeira ideológica” (BARROS, 2008, p.205). O modelo de análise do texto que é referida em categorias quais são: o vocabulário, a gramática, a coesão e a estrutura textual.

**Universidade Estadual do Centro Oeste**  
**Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes/SEHLA**  
**PROGRAMA DE EDUCAÇÃO TUTORIAL – PET/LETRAS-UNICENTRO**

Essa primeira dimensão do discurso está em desenvolvimento. Toda oração é multifuncional, porque traz uma combinação de significados ideacionais, interpessoais e textuais. Os indivíduos podem realizar várias opções sobre o modelo e a estrutura de suas orações que se convertem em escolhas sobre o significado de identidades, relações sociais e conhecimento e crença. Sobre estrutura textual Fairclough (2001, p.105) explana que “Halliday (1985) faz uma apresentação mais avançada de uma forma de gramática particularmente útil à análise de discurso”.

Com relação a análise das práticas discursivas compreende-se que se referem as atividades cognitivas de produção, distribuição e consumo do texto, como também analisam as categorias força, coerência, e intertextualidade, observe o que Ramalho e Resende (2004, p.187) comentam,

A força dos enunciados refere-se aos tipos de atos de fala desempenhados; a coerência, às conexões e inferências necessárias e seu apoio em pressupostos ideológicos; a análise intertextual refere-se às relações dialógicas entre o texto e outros textos (intertextualidade) e às relações entre ordens de discurso (interdiscursividade).

Já a análise da prática social relaciona-se com os aspectos ideológicos e hegemônicos no âmbito do discurso analisado, nessas categorias procura-se “investigar como o texto se insere em focos de luta hegemônica, colaborando na articulação, desarticulação e rearticulação de complexos ideológicos” (FAIRCLOUGH apud RAMALHO; RESENDE, 2004, p.188). A linguagem em seu uso nas suas várias formas é uma prática social, e como tal consideramos necessário compreendê-la em seu contexto histórico, e poderemos compreender a sua função na sociedade através da Análise do Discurso. Linguagem essa que é constituída não somente socialmente, especialmente por identidades sociais e relações sociais e sistemas de crenças.

Os primeiros apontamentos acerca da segunda e terceira dimensão, observamos que os aldeamentos no início da colonização referiam-se à prática utilizada pelos portugueses para dar conta da situação dos povos nativos. A tutela dos indígenas ficava nas mãos dos religiosos que possuíam o intuito de apresentar os valores europeus por meio da fé cristã. Esses aldeamentos

**Universidade Estadual do Centro Oeste**  
**Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes/SEHLA**  
**PROGRAMA DE EDUCAÇÃO TUTORIAL – PET/LETRAS-UNICENTRO**

tornavam-se uma estratégia dos portugueses para o controle e domínio sobre os índios, além do controle sobre as políticas de terras. Na visão da Coroa Portuguesa, segundo Machado (2006, p.24) “oferecia-se aos índios a opção pelo aldeamento, e em troca, aos que ‘optassem’ era garantida uma parcela de terra onde seria construída a estrutura para o aldeamento, só que de acordo com as necessidades julgadas pelo poder oficial”.

Em 1822, o Brasil torna-se independente da metrópole, no primeiro Reinado notam-se alguns conflitos os quais contribuíram para abdicação do imperador D. Pedro I. Costa (2007) comenta que após a independência as elites encararam a difícil tarefa de converter os ideais (‘heroico liberalismo’) para a prática. Nos debates a questão indígena estará presente se materializando no Decreto nº 426 de 1845. Este documento, com o título “Contém o Regulamento acerca das Missões de Catequese e civilização dos Índios”, possuía o teor de regulamentar a situação dos índios.

A questão de organizar os aldeamentos e integrar os povos nativos em uma ordem nacional ocasionou muitas lutas e resistências ao longo da história do Brasil e indígena. A imagem dos nativos centrava-se entre o selvagem e o dócil tanto na historiografia da época quanto na literatura. Esses dois “tipos” podem ser encontrados nas documentações oficiais do período. Para além, compreende-se que apesar do processo de catequese e civilização os índios aliados ou não ao homem branco fizeram parte do processo histórico da História do Brasil.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

No primeiro momento através da historiografia percebe-se a presença indígena em todo o século XIX como também que eram sujeitos atuantes no respectivo período. A partir da análise almeja-se compreender as questões propostas nos objetivos como a concepção que a sociedade tinha sobre o indígena, as políticas públicas, etc. E primordialmente, que a pesquisa colabore para ampliação do debate acerca do papel do indígena no período oitocentista não somente nas universidades, mas especialmente nas escolas públicas.

**Universidade Estadual do Centro Oeste**  
**Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes/SEHLA**  
**PROGRAMA DE EDUCAÇÃO TUTORIAL – PET/LETRAS-UNICENTRO**

Referências

FAIRCLOUGH, Norman. Discurso e Mudança social. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

MACHADO, Maria Monteiro. A trajetória da Destruição: índios e terras no Império do Brasil. 2006. 137f. Dissertação (Mestrado em História social)– Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2006.

MOTA, Lúcio Tadeu. As guerras dos índios Kaingang: a história épica dos índios Kaingang no Paraná (1769-1924). Maringá: EDUEM, 1994.

RESENDE, Viviane de Melo; RAMALHO, Viviane C. Vieira Sebba Ramalho. Análise de Discurso Crítica, do Modelo Tridimensional à articulação entre prática: implicações teórico-metodológicas. Linguagem em (Dis)curso - LemD, Tubarão, v. 5, n.1, p. 185-207, jul./dez. 2004.

WACHOWICZ, Ruy Christovam. História do Paraná. 2.ed. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2010.